

SOCIABILIDADE E MEMÓRIAS DA RIVALIDADE SOCIOESPORTIVA: CLUBES DE FUTEBOL E A CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM MARIANA-MG¹

SOCIABILITY AND MEMORIES OF THE SOCIAL AND SPORTIVE RIVALRY: SOCCER CLUBS AND THE CONFIGURATION OF URBAN SPACE IN MARIANA-MG

Frederico de Mello Brandão Tavares*

Filipe Davison Barboza Carneiro**

Adriana Bravin***

RESUMO:

Este artigo objetiva investigar a influência do esporte na configuração socioespacial da cidade de Mariana-MG através da rivalidade dos tradicionais clubes e Marianense Futebol Clube e Guarany Futebol Clube, partindo da ideia de que, por meio do futebol, é possível refletir sobre questões ligadas ao pertencimento, à vida social e às disputas de uma determinada sociedade. Tendo em vista as dinâmicas dos processos comunicativos e das interações sociais, este trabalho se debruça sobre entrevistas, sob o viés da história oral, realizadas com moradores do município que vivenciaram a força dessa rixa, com apogeu e declínio no século XX. As memórias revelam que a dicotomia entre Marianense e Guarany (pensada dentro dos eixos: espaços privados, espaços públicos e espaços desportivos): 1) movimentou geográfica e simbolicamente uma cidade estagnada pelo fim do ciclo do ouro e 2) desenvolveu, a partir dos clubes de futebol, novos hábitos, relações e aspectos civilizatórios, revelando também questões estruturais de ordem política, étnica e de classe.

PALAVRAS-CHAVE:

Futebol, memória, Mariana-MG.

* Professor da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), com licença pós-doutoral junto à Universidade Nacional de La Plata (UNLP, Argentina). Bacharel e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Realizou estágio de doutorado no exterior junto à Universidad Rey Juan Carlos (URJC, Madrid), Espanha. E-mail: fredtavares.ufop@gmail.com

** Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), com bolsa cedida pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Jornalista graduado pela mesma instituição. E-mail: barboza.filipe90@gmail.com

*** Professora da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com estágio doutoral na Universidade do Minho (Portugal). Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: adriana.bravin@gmail.com

ABSTRACT:

From the understanding that soccer enables us to reflect upon issues related to identity, social life, and disputes within a certain society, this article aims to investigate the influence of sport on the socio-spatial configuration of Mariana, Minas Gerais - Brazil, through the rivalry between the two traditional clubs of the city: Marianense Soccer Club and Guarany Soccer Club. Considering the dynamics of communicative processes and social interactions, this work deals with oral narratives collected by means of interviews conducted with residents of the municipality who had experienced this rivalry strength, which peaked and declined in the twentieth century. The memories reveal that the dichotomy between Marianense and Guarany concerning private, public, and sportive spaces 1) generated geographic and symbolic movement in a city that was stagnated ever since the end of the gold cycle and, driven by soccer clubs, 2) developed new habits, relationships, and civilization aspects, revealing structural questions related to politics, ethnics, and social class.

KEYWORDS:

Soccer, memory, Mariana-MG.

**QUANDO O FUTEBOL COMUNICA AS RELAÇÕES
NO ESPAÇO URBANO**

Pensar o futebol como elemento exterior à vida social, reduzindo-o a uma distração que distancia as pessoas de suas verdadeiras preocupações ou de assuntos sérios, é descartar toda potencialidade relacional existente entre o esporte e a sociedade. Esse tipo de entendimento, que atravessou, por algum tempo, até mesmo o pensamento científico, é visto atualmente como ultrapassado (HELAL; SOARES; LOVISOLO, 2001), visto que, pelo futebol, é possível refletir sobre uma série de questões socioculturais, como a configuração do espaço urbano de uma cidade a partir das relações entre grupos esportivos rivais.

Ao tratarmos do Brasil, essa dimensão ganha ainda mais peso, pois o futebol, praticado, teorizado e vivenciado influi direta e indiretamente na vida de grande parcela da população (DAMATTA, 1982). Sobre essa “paixão nacional”, Melo (2000), ao comparar o esporte como uma prática cultural tão significativa quanto o teatro, o cinema e as artes plásticas, ressalta que, apesar das semelhanças, “nenhuma dessas manifestações

consegue como o futebol mobilizar tanta gente ao mesmo tempo, mexendo tão forte e amplamente com paixões” (MELO, 2000, p. 11).

Não é apenas no ato de jogar bola nos campos, nas quadras, nos ginásios ou nas ruas que o futebol permeia os espaços e as vivências das cidades. Para além do esporte jogado, há disputas, convenções, apropriações e exclusões que dizem muito sobre “o que eu sou”, “o grupo que pertenço”, “os lugares que frequento”, “as relações que desenvolvo” e, obviamente, “o time que torço”. Vale ressaltar também a lógica da alteridade, como: “o que eu enxergo de você”, “o grupo (diferente do meu) que você pertence”, “as relações que você desenvolve”, “onde você não deve ir” e “o time - rival do meu - que você torce”.

Em suas reflexões sobre o social e a socialidade, Maffesoli (2009) concebe a relação com o “Outro” como fundamental para a compreensão da vida, do vivido, sendo as experiências daí advindas conformadoras de espaços e identidades. “Ao social correspondem a solidariedade mecânica, o instrumental, o projeto, a racionalidade e a finalidade; à socialidade, correspondem a solidariedade orgânica, a dimensão simbólica (comunicação), o não lógico, a preocupação com o presente” (MAFFESOLI, 2009, p. 100). Assim, a relação das interações sociais com temporalidades específicas, cuja extensão pela memória e a durabilidade pela cultura permitem a visualização de um campo de sentidos e significados, remete a possibilidades de investigação que consideram tanto aspectos institucionais e estruturais de uma sociedade quanto também o tensionamento destes com elementos identitários presentes e/ou permanentes em contextos singulares.²

Desse modo, este artigo tem por objetivo evidenciar, através das memórias de moradores de Mariana-MG derivadas de entrevistas,³ sob o viés da história oral e das interações sociais, como as disputas encabeçadas pelos tradicionais clubes socioesportivos Marianense e Guarany contribuíram para a configuração do espaço urbano do município, tanto no sentido geográfico, quanto simbólico. É importante frisar que o termo “clube socioesportivo” pode ser destinado àquelas instituições que representam parte de uma sociedade com interesses em comum e que partilham de atividades desportivas, culturais ou recreativas. Dessa dinâmica, “os membros de um clube associam-se ou deixam-no livremente sendo uma de suas intenções o enriquecimento de sua vida social” (BARROS, 2016, p. 20).

Ao entendermos o futebol enquanto fenômeno sociocultural, esta pesquisa tenta levantar as reflexões sobre como a sociabilidade do meio socioesportivo local (permeada de sentimentos de pertencimento, hábitos e, sobretudo, de rivalidade) ajuda a explicar a constituição socioespacial de Mariana. Além disso, visamos compreender como, na revelação de uma intersubjetividade “simbólica-relacional” (TACUSSEL, 1998), as interações sociais apreendidas ajudam a pensar dinâmicas perpassadas por processos e práticas comunicacionais “invisíveis”, criadoras de sentidos, relevantes para a constituição histórica de traços da urbanidade marianense contemporânea.

UMA CIDADE, DOIS CLUBES DE FUTEBOL E A SOCIABILIDADE QUE OS ENVOLVE

Com 322 anos de fundação (16 de julho de 1696 é a data oficial da cidade), Mariana está localizada a 110 km da capital Belo Horizonte, na região conhecida como “quadrilátero ferrífero”.⁴ Carregada de mitos e heróis exploradores, a história oficial do município dá conta de que foi às margens do Ribeirão do Carmo que bandeirantes paulistas, liderados por Salvador Fernandes Furtado de Mendonça e Miguel Garcia da Cunha, encontraram grande quantidade de ouro, fato que motivou, posteriormente, a formação da primeira vila, cidade⁵ e capital de Minas Gerais (FONSECA, 1998).

Marcada pela riqueza mineral e pela forte presença do catolicismo - a cidade também possui o título de sede do primeiro bispado do estado - Mariana atraiu, desde suas primeiras formações sociais, pessoas de diferentes idades, etnias e origens (ANTONIL, 1837), dando início ao chamado “ciclo do ouro”, período que teve seu auge na primeira metade do século XVIII. Com a derrocada da exploração aurífera, iniciada no fim do século XVIII e consolidada no século XIX, a cidade sofreu como consequência uma “evasão de boa parte do seu contingente populacional para o interior da Capitania” (SOUZA JÚNIOR, 2005, p. 181) e para outras regiões do país, enquanto a população remanescente se firmou, em grande parte, nas áreas do hoje chamado centro histórico. Além da crise do ouro, a transferência da capital da província de Ouro Preto (município vizinho) para Belo Horizonte, cidade fundada em 1897, também contribuiu para essa ampla desocupação de Mariana, o que possibilitou às famílias residentes a aquisição de imóveis a preços irrisórios (FISCHER, 1993).

É dessa população⁶ que surge, no respirar dos ares da Proclamação da República e das ideias modernistas do início do século XX, duas grandes forças políticas: a direita e a

esquerda.⁷ De maneira breve, o panorama geral da direita se caracterizava enquanto um grupo da elite que, entre suas principais propostas, defendia o desenvolvimento de projetos infraestruturantes da área central do município, como a criação de bancos, casas de saúde, escolas e comércios. Já a esquerda atingia as classes menos favorecidas de Mariana, oriundas das áreas pobres, periféricas e dos distritos. Desse modo, os planos governistas da esquerda eram mais ligados à criação de empregos, doação de lotes, construção de novos bairros, além de ações assistencialistas, como a distribuição de cestas básicas e a abertura das casas da sopa (CARNEIRO, 2014).

Esse antagonismo partidário impulsionou o surgimento de instituições socioculturais que, conseqüentemente, instigaram novos costumes, comportamentos e interações que deram o tom da Mariana do século passado. Foi pela lógica dessa emulação que surgiram as associações musicais Banda União XV de Novembro (da direita) e a Banda São José (da esquerda), já extinta (COSTA, 2012). Especificamente sobre o esporte, a criação de dois clubes de futebol⁸ também marcou profundamente essa disputa entre os direitistas “percevejos” e os esquerdistas “piolhos” (xingamentos que teve como origem, provavelmente, a proliferação desses insetos no espaço urbano de Mariana devido à baixa qualidade dos serviços públicos de saúde). No dia 17 de junho de 1912, foi fundado pela classe privilegiada local o primeiro time da cidade: Marianense Futebol Clube. Em oposição a isso, em 14 de julho de 1925, foi a vez de o Guarany Futebol Clube nascer pelas mãos dos não abastados. Como as opções de lazer eram escassas no pequeno município pós-apogeu do ouro, o rubro-negro Marianense e o alviverde Guarany figuraram, desde então, entre os principais responsáveis por ditar os arranjos da vida social cidadina (CARNEIRO, 2014).

Desse modo, atravessada por essas grandes instituições, Mariana desenvolveu uma nova sociabilidade durante boa parte do século XX.⁹ Eram nas sedes dos dois clubes socioesportivos que ocorriam as reuniões políticas, as relações familiares, as brigas e as paqueras. As entidades também promoviam bailes nas noites de sábado, horas dançantes ao som de LPs e bandas ao vivo, concursos de beleza, salão de jogos, festas juninas e até comemorações do dia 7 de setembro, do Réveillon e do Carnaval. Isso sem contar os jogos de futebol amistosos e do campeonato municipal, que enchiam os estádios das equipes aos domingos. É importante frisar que essas atividades, que davam status aos clubes, se mantiveram em boa parte do século passado, decaindo por volta da década de 1980, quando as instituições entraram em crise (CARNEIRO, 2014).¹⁰

De um ponto de vista comunicacional, observando a sociabilidade constituída no entorno relacional entre os clubes e destes com a cidade, é possível pensar “a configuração móvel de interações comunicativas” (FRANÇA, 2014, p. 220), bem como apreender uma “dinâmica das formas (da formatação) incidindo na natureza da relação que se estabelece e da significação que é produzida” (p. 220). Em outras palavras, tais interações jogam luz sobre a percepção acerca de “processos comunicativos no seio de uma sociabilidade e de um terreno cultural específico” (p. 220).

No caso do espaço urbano especificamente e suas temporalidades entrecruzadas, é possível remeter a sociabilidade a uma movimentação e variabilidade históricas, que apontam para diferenças nas experiências dos sujeitos com a cidade. No início do século XX, no interior e mesmo nas capitais, como lembra D’Incao (1992), a convivência cotidiana, o corpo a corpo entre distintas gerações e classes, era algo rotineiro e incorporado às práticas sociais. Havia uma sociabilidade “espontânea” e - pretensamente - menos excludente. No entanto, essa mesma sociabilidade, pensada a partir da rua como espaço de integração e de distinção, no caso brasileiro, incorporou historicamente uma modernização de princípios “civilizatórios” e conformadores.

A cidade, nesse sentido, é também reflexo de concepções de mundo e o espaço urbano pode ser tomado como um território (RAFFESTIN, 1993) síntese de disputas e tensões correspondentes a estruturas mais amplas da sociedade (políticas, econômicas, culturais etc.) e seus desdobramentos frente a grupos e coletivos sociais. No Brasil, o futebol faz circular no cotidiano uma série de símbolos e valores populares (TOLEDO, 2000) e as cidades, desde sempre, foram locus para a adequação de certas práticas cotidianas aos moldes e contornos apontados pelo esporte.¹¹ Como afirma Campos (2008), os clubes e suas rivalidades possuem historicamente papel de reforço local desses processos, bem como agentes que fazem circular, além de elaborarem, de maneira diversa, representações sociais com enorme papel identitário, seja de referência territorial, seja de classe social. Dessa forma:

O compartilhamento de representações sociais gera um sentimento de pertença, formando-se, assim, as torcidas, que têm por característica a negação de outros clubes. Portanto, a identidade futebolística não se resume apenas a se identificar com um clube, mas também de negar os demais, principalmente os rivais (CAMPOS, 2008, p. 257).

Mesmo que a partir de um olhar mais contemporâneo, Gomes (2002) explica que, desde o momento em que a cidade passa a pertencer ao universo simbólico do futebol e às suas representações,

o espaço urbano torna-se um campo de futebol, e a dinâmica se opera como na imagem das equipes, só existindo os lugares referentes aos dois grupos, e um deles deve afirmar seu poder sobre o outro. Este poder se traduz em um domínio territorial, ou seja, a cidade deve ser conquistada (GOMES, 2002, p. 246).

Na Mariana do começo do século XX, diante das movimentações sobre o usufruto do tempo de lazer que influíam nas relações do dia a dia entre vizinhos, homens e mulheres, jovens e velhos, pais e filhos, os clubes de futebol conferiam categorias de inclusão, exclusão, repressão e circularidade. Isso porque, escolher, ser escolhido, ou até mesmo tentar se manter neutro em relação às duas alas, representava, para além do gosto ou do desgosto subjetivo perante os times, questões mais amplas, exemplares das interações sociais e práticas comunicativas correntes naquele momento na cidade.

Como esclarece Maia (2002), ao conferir atenção especial às espontaneidades, às falas descompromissadas e às banalidades da vida social, a sociabilidade não desmerece o olhar macro da dimensão estrutural, afinal, “se ignorarmos as instituições, as tradições, ‘os padrões regulares de comportamentos e de expectativas’, atribuiremos ao ator uma soberania absoluta” (MAIA, 2002, p. 13). Dito isso, é preciso amarrar mais uma vez as ideias e defender que entender a configuração espacial de Mariana pela lógica da sociabilidade do futebol é, ao mesmo tempo, contextualizar o poder das estruturas e mergulhar na linha das interações. Em outras palavras, é pela vida social fomentada pelas instituições socioesportivas e pelo despertar de sentimentos e de maneiras de frequentar os espaços que podem ser demarcados alguns pontos sobre a cidade. O caminho proposto para se chegar até essas questões são as entrevistas, sob o viés da história oral, com moradores que memoraram essa sociabilidade pautada em disputas.

MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL PARA ENTENDER A CONFIGURAÇÃO DE MARIANA PELO FUTEBOL

Antes de entrarmos propriamente nas entrevistas que narram, sob a ótica do futebol, a sociabilidade e, conseqüentemente, a configuração do espaço urbano de Mariana, é preciso trabalhar outro importante conceito: a memória. Para Halbwachs (2006), a memória deve ser compreendida como um fenômeno social e, portanto, não isolado,

já que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo, a partir de acontecimentos, pessoas, objetos e lugares nos quais há relação.

Falar da memória, a partir desse ponto de vista, é também refletir sobre a constituição dos espaços. Halbwachs (2006) defende a ideia de que as imagens espaciais desempenham um importante papel na memória coletiva, porque “cada sociedade recorta o espaço à sua maneira, mas de uma vez por todas ou sempre segundo as mesmas linhas, de maneira a constituir um contexto fixo em que ela encerra e encontra suas lembranças” (p. 188). O que, de uma forma mais direta, implica na afirmação de que “não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial” (p. 170).

Sob essa perspectiva da memória social, Pollak (1989) vai um pouco mais longe ao afirmar que ela se revela através de conflitos, disputas e batalhas, por meio de esquecimentos, silêncios, pressões e contextos. Assim, a memória pode ser entendida na chave da tensionalidade, quase como um jogo em que um grupo tenta se impor ao outro. Para ele, essa operação se integra “em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc.” (POLLAK, 1989, p. 9). Com isso, Pollak (1992) argumenta que a memória exerce função dentro das construções das identidades, ou seja, quando enquadrada de determinada maneira, ela fomenta a criação de um sentido social com o objetivo de refazer ou de manter certa ideia unitária.

Diante dessa forma de se compreender a memória, podemos incluir como coletividade os clubes de futebol de Mariana, ainda mais pelo fato de estarmos diante de um grande dérbi¹² que envolve questões que, como já frisado, vão além das partidas dentro de campo. Afinal, é preciso ter em vista as condições e os interesses dos entrevistados em evocar (ou não) certas lembranças dessa sociabilidade, o que pode significar conflitos e contradições narrativas diante de determinados episódios do passado. Bosi (1994), ao refletir sobre a memória dos velhos, também nos adverte desse processo de desfiguração que o passado pode sofrer pelos ideais presentes. Para ela, “a ‘pressão dos preconceitos’ e as ‘preferências da sociedade dos velhos’ podem modelar seu passado e, na verdade, recompor sua biografia individual ou grupal seguindo padrões e valores que [...] são chamados ‘ideológicos’” (BOSI, 1994, p. 63).

É preciso deixar claro que todas essas questões não deslegitimam a utilização da memória como elemento revelador dos fatos históricos. A própria Bosi (1994) pondera que livros, documentos, atas e demais registros textuais que carregam certa “oficialidade” também partem de um ponto de vista, uma versão do acontecido, e, não raro, são desmentidos ou atualizados. Alberti (2000) completa essa ideia ao ponderar que fontes escritas também são subjetivas e que “a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento científico” (ALBERTI, 2000, p. 1).

Ao voltarmos nos pensamentos de Pollak (1989), vemos que a história oral pode servir até como recurso de oposição à memória oficial, visto que, nela, pessoas comuns, minorias e excluídos têm a condição de impor suas versões aos fatos. No caso deste artigo, esse procedimento possibilita o surgimento de novas compreensões sobre aspectos socioculturais e espaciais da cidade a partir do futebol, visto que não existem muitas referências sobre essa temática. Assim, trazer para o debate a memória de moradores e suas experiências pessoais sobre o que representou a sociabilidade do esporte local é também acrescentar dinâmicas pouco exploradas de uma vida social à história do município.

Além da memória e da história oral, levantar reflexões sobre o espaço é importante. Ao falar sobre efeitos de lugar, Bourdieu (1998) argumenta sobre a necessidade de rompermos o pensamento substancialista do espaço a partir de uma análise das relações entre as estruturas do espaço social e do espaço físico. Isso é, para o autor, o embate pelas posições sociais se dá em relações simbólicas que definem hierarquias. Ao trazermos essa discussão para o trabalho, podemos imaginar como Mariana carrega consigo uma disputa espacial, tanto geográfica, quanto simbólica, permeada de tentativas de hierarquizações. Em outros termos, seguimos a afirmação de que “a posição de um agente no espaço social se exprime no lugar do espaço físico em que está situado” (BOURDIEU, 1998, p. 160).

Santos (2014) também defende a ideia de que é preciso tomar o espaço não apenas como uma estrutura física e isolada, mas dentro de uma realidade relacional, ou como o próprio define, “o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento” (SANTOS, 2014, p. 30-31). Este entendimento também se aproxima com a proposta de diferenciação entre lugar e espaço traçada por Certeau (1998), em que o

primeiro termo tem a ver com uma dimensão estável de posições, enquanto o segundo diz respeito a um cruzamento de móveis animado pelo conjunto dos movimentos que ali se desdobram. Com isso, “o espaço é um lugar praticado” (CERTEAU, 1998, p. 202).

A partir desses pontos, entender a configuração espacial de Mariana não diz respeito apenas aos aspectos originários da tipologia urbana formadora, mas também às dinâmicas humanas dos que ali habitaram e circularam, ou seja, as relações singulares e plurais promovidas ali. Da mesma forma, esse entendimento da cidade também corresponde a estruturas mais amplas da própria formação social brasileira.¹³ Tem-se em vista, neste contexto, que o futebol cumpria uma função ideológica, constituindo-se um meio de integração social, de justificativa de uma realidade sociopolítica e da dissimulação das deficiências daquela sociedade.¹⁴

A seguir, serão apresentadas memórias sobre a sociabilidade das instituições ligadas ao futebol, Marianense e Guarany, que revelam a disputa relacionada à configuração socioespacial do município. A partir das entrevistas, foi possível traçar um panorama dividido em três eixos temáticos: espaço privado, voltado à vida social nas sedes dos clubes; espaço público, destinado às interações em ruas e praças; e espaço desportivo, que traz, através das dinâmicas nos campos de futebol, elementos mistos do público e do privado. É importante ressaltar que essas memórias correspondem aos moradores com certo grau de ligação aos clubes, incluindo, assim, torcedores, dirigentes, sócios e ex-jogadores das duas equipes.¹⁵

DISPUTAS DO ESPAÇO PRIVADO: AS SEGREGAÇÕES NAS SEDES SOCIAIS DOS CLUBES

Como já frisado, Marianense e Guarany arquitetaram parte considerável da vida social da cidade no século XX, não só pela ótica do futebol jogado, mas também em manifestações socioculturais paralelas ao esporte. Com isso, as sedes¹⁶ dos dois clubes ocupavam espaços simbólicos e status social.

Para Alípio Evangelista Borges,¹⁷ 67 anos, ex-lateral direito dos dois times, a sede do Marianense evidenciava algo extremamente grave na cidade: o racismo:¹⁸ “Preto não entrava no clube do Marianense. A gente entrava porque era jogador e porque não era muito preto nada, tinha carteira com ficha parda, cor parda”. João Luiz dos Santos,¹⁹ 81 anos, ex-goleiro do Marianense, tem lembranças parecidas: “Preto lá não tinha vez

não. Jogar, jogava. Até entrava na sede, mas ficava humilhado. A sede do Marianense é considerada ‘pó de arroz’. Quer dizer, entrava lá, mas toda vida o time do Marianense foi meio elitizado”. Raimundo Esidoro Maurício,²⁰ 74 anos, ex-meia armador das duas equipes, reitera essa segregação: “Se você fosse moreno escuro, você não entrava lá. [...] E no Guarany não tinha nada disso”. Em outra fala, ele ainda conta que decidiu sair do time do Marianense por conta de um episódio de racismo envolvendo sua irmã: “Minha irmã sofreu no Marianense e eu larguei por causa disso. Um presidente da época chamou minha irmã de negra. Aí eu peguei e afastei de lá, decidi sair. Eu saí e saiu todo mundo. Aí fui para o Guarany e do Guarany para o Olympic”.²¹

O fato curioso desse apartheid racial é que, segundo algumas entrevistas, nem todos os negros sofreram maus-tratos na sede social do Marianense. Para poucos que seguiam certos preceitos da elite, aparentemente, não havia impedimento de circularidade. Foi o que ocorreu, por exemplo, com o ex-jogador do Marianense, natural de Belo Horizonte, Paulo Sabú. Raimundo conta que Sabú “era preto, mas dançava lá. Ele tinha terno de linha, né? Marianense tinha que ter essas bobagens. Tinha que estar bem vestido”. O ex-secretário do Guarany e atual secretário do Marianense, Rafael Arcanjo Santos,²² 66 anos, reafirma essa história: “O Sabú, que era uma pessoa muito elegante, não só jogando bola, como também muito elegante de se vestir bem. As meninas falavam que ele era muito cheiroso, dançava bem e todas as pessoas gostavam de dançar com ele”. Aqui, é possível visualizar a complexidade da sociabilidade do clube, uma vez que, apesar de impor a segregação racial, também era relativizada, desde que certas posturas fossem cumpridas.

Já o controle de entradas das pessoas na sede do clube Guarany não ocorria de forma tão preconceituosa e segregada. Pelo menos é o que afirma a sócia do Marianense, Marly Moysés Silva Araújo,²³ 74 anos: “Uma vez eu e três amigas entramos na sede do Guarany. A gente não tinha nem quinze anos ainda e fomos a um baile de sábado. Fomos recebidas com toda delicadeza, mas todos ficaram espantados: ‘Elas entraram aí’. Quando saímos de lá, todo mundo já sabia. Nossos pais questionaram: ‘Quem mandou vocês fazerem isso?’, pois era um antagonismo que não podia misturar, entendeu? Hoje, eu vejo com outros olhos, mas, naquela época, era pintado para gente assim: ‘Vocês não podem se misturar’. Era um preconceito horroroso. Então, nós tínhamos medo, porque achávamos que, se entrasse lá, alguma coisa muito negativa iria acontecer e a gente

iria ficar apavorada para o resto da vida. Mas não teve nada disso. Eles foram cordiais, carinhosos e ficaram muito felizes com a nossa presença”.

Entretanto, para o ex-conselheiro do Marianense, Derly Pedro da Silva,²⁴ 70 anos, a cordialidade do lado alviverde não era tão difusa assim, o que revela, mais uma vez como a memória pode atuar de acordo com certos conflitos entre grupos. Em suas lembranças, ele afirma ter sido desprezado no Guarany pelo fato da sua família ser da direita marianense: “Eu, quando rapazinho, ia para a sede Guarany. Chegava lá o pessoal falava: ‘O que você está fazendo aqui? Você não é Guarany’. Aí, eu saía da sede e falava: ‘Bom, já que vocês não me querem aqui eu vou embora. Vou para o outro’. Então chegava no Marianense e o pessoal falava: ‘O que você está fazendo aqui? Eu te vi lá na sede do Guarany’. O trem era complicado. Isso aconteceu antes de eu começar a participar [efetivamente] do Marianense. Eu era neutro quando isso aconteceu”.

O ex-jogador e ex-treinador do Marianense, Amadeu da Silva,²⁵ 81 anos, também relata um episódio de exclusão ocorrido nas dependências do Guarany: “A minha esposa foi convidada para ser madrinha de um casamento de uma moça que frequentava o Guarany, em 1953. A recepção ocorreu na sede do clube que ficava onde hoje funciona a pousada Solar dos Corrêa, na Rua Direita. Na época, eu ainda namorava com a minha mulher e resolvi acompanhá-la. Rolou salgadinhos, conjunto musical tocando e eu fiquei dançando tranquilamente. Aí, de repente, um rapaz do Guarany bateu nas minhas costas e me chamou de canto. Era para eu descer a escada, pois eu não podia ficar lá. Ali não era lugar de gente do Marianense. Eu não respondi nada, podia meter a mão na cara dele, mas não queria isso. Acontece que um homem da diretoria do Guarany, chamado Zé Vieira, percebeu aquele movimento e foi ver o que se tratava. Ele disse: ‘O que está acontecendo, Amadeu?’. Eu falei: ‘É que eu fui convidado para a recepção do casamento, vim com a minha namorada e esse homem está aqui falando para eu descer a escada’. O Zé deu um sopapo no rapaz, me puxou, chamou a namorada dele, que era irmã da noiva, e disse para nós dois dançarmos. Mas, quando terminei de dançar ali, fiquei sem jeito de continuar, com a vergonha que passei. Aí falei com minha namorada, nós descemos e fomos embora da sede do Guarany”.

É interessante constatar o quanto os episódios de segregação nas duas sedes marcaram a memória dessas pessoas, principalmente àquelas que dizem ter sofrido diretamente as consequências dessa discriminação racial por parte do Marianense e atrelada à rivalidade socioesportiva pelo lado do Guarany. Diante desses relatos, também é possível

enxergar duas questões já comentadas anteriormente: o domínio das duas equipes no desenrolar da vida social de Mariana - com valores, hábitos, status e sentimentos de pertencimento das pessoas que vivenciaram esse período - e a força de demarcação espacial muito bem orquestrada, neste caso, dentro das sedes privadas. Entretanto, os embates não eram exclusivos dos espaços particulares.

ESTRANHAMENTOS NO ESPAÇO PÚBLICO: VIZINHANÇA E CARNAVAL NAS RUAS E PRAÇAS

Se as sedes representavam as disputas socioesportivas em espaços privados, os espaços públicos da cidade também eram entrelaçados por essa rivalidade entre Marianense e Guarany, o que chegou a gerar muitos episódios de estranhamentos. Nas lembranças de Alípio, definir com quem compartilhar a vizinhança era uma estratégia usada para que pessoas de visões política, social e esportiva antagônicas não se encontrassem próximas de suas casas: “Por exemplo, eu tinha uma casa aqui para alugar. Quando ia alugar aquela casa, primeiro eu ia perguntar aquele [provável] vizinho se era de direita ou de esquerda. Até para alugar a casa o pessoal procurava saber”.

Já sobre os embates face a face nas ruas e praças de Mariana, as maiores demonstrações aconteciam nas festividades do Carnaval²⁶ organizadas pelos clubes. Durante cerca de quatro décadas (entre 1930 e 1960) eram realizados grandes bailes dentro das sedes, entretanto, para além da folia interna, Marianense e Guarany montavam desfiles pela cidade com carros alegóricos, marchinhas e blocos caricatos. Sócia do Marianense até os dias de hoje, Hebe Maria Rôla Santos,²⁷ 82 anos, recorda as tensões de quando os dois grupos se cruzavam no centro histórico: “No Carnaval era assim: tinha que passar um de cada vez. Geralmente [havia] uma barreira pra evitar que um atacasse o outro lado”. O ex-diretor do Marianense, Frederico Ozanan Teixeira Santos,²⁸ 72 anos, também relembra essa preocupação: “Depois que os blocos saíam na rua, era um perigo danado encontrar um com o outro, dava umas briguinhas. Aí depois cada um ia para o seu clube”.

Moacir Eleutério,²⁹ 66 anos, presidente do Guarany Futebol Clube, fala até em intervenção da segurança pública naquele período: “O Marianense organizava [seu bloco] na sua sede e o Guarany saía de um lugar que tinha o nome Serralheria, hoje é aquele grupo escolar Santa Godoy, perto da Policlínica. [...] Então o Guarany subia e o Marianense descia e, quando encontravam um com outro, era aquele problema. A polícia tinha até que entrar no meio. Um não queria dar lugar para o outro, um queria ver quem sambava

mais, quem dançava mais”. Marlene de Souza Maia,³⁰ 73 anos, sócia do Marianense até os dias atuais, se recorda de uma briga com galhos de árvore na Praça Gomes Freire, área também conhecida como “Jardim”, no Carnaval de 1961: “Como o Jardim era cheio de árvores muito grandes, de repente começou um negócio de dar varada, cortar galhos e dar varada nos outros em cima dos carros alegóricos. E eu sei que meu irmão que nos levava, tomava conta da gente, na mesma hora nos tirou do caminhão e nos trouxe embora. Era o pessoal de cima do carro dando varada nos outros”.

Já Marly Moysés se recorda de um episódio ocorrido na infância, por volta de 1950, em que o ex-jogador de futebol, zagueiro profissional do Cruzeiro, do Atlético Mineiro e até da seleção brasileira, Willian (natural de Mariana e de família ligada ao Marianense), se envolveu em uma grande confusão: “Ele era fortão e briguento. Gostava de uma briga. Aí, o que eu mais me lembro, eu tinha uns dez ou doze anos, é do carro alegórico passando ali em frente ao restaurante da esquina, do Hotel Central e o Willian em cima. Aí veio o carro do Guarany. O carro do Marianense descendo, vindo da Rua da Olaria para cá, da Rua Dom Viçoso. O bloco estava saindo e o bloco do Guarany voltando e eles se encontraram. Aí, um cara lá gritou uma besteira para o Willian e ele pulou para o outro carro e começou aquela briga de pescoção, um negócio de doido. E isso foi mais de uma vez. Não foi uma vez só não. [...] Era um negócio que parecia faroeste. A gente morria de rir. Não tinha coisa assim de facada e tiro, mas tinha essas brigas engraçadas”.

Como podemos observar pelas entrevistas, as ruas e as praças de Mariana foram espaços constantes de embate clubístico, com estranhamentos até da ordem da violência física, o que ocorria principalmente mediante festas populares. Entretanto, é curioso perceber nos relatos dessas memórias uma espécie de paradoxo sobre essas disputas socioespaciais proporcionadas pela rivalidade entre Marianense e Guarany: ao mesmo tempo em que as lembranças dos encontros e as consequentes brigas assustam os moradores, parece haver um sentimento nostálgico - pelo viés do humor - de que aquilo, de certo modo, também traz sentido à vida social e pertencimento aos que vivenciaram essas cenas.

ESPAÇO DESPORTIVO: OS CAMPOS DE FUTEBOL COMO DINÂMICA MISTA

O campo de futebol do Guarany, denominado atualmente Estádio Emílio Ibrahim, se localiza no centro da cidade na Rua do Seminário, enquanto o Estádio Augusto do Marianense fica entre as ruas Alfredo de Moraes, São Jorge e Amâncio Arinos de Queiroz,

em uma área mais afastada do centro, próximo à região conhecida como Morro do Galego. Nos dias de hoje, nenhum dos dois espaços atrai muitas pessoas para acompanhar as partidas de futebol amador, visto que a força do esporte local se dá, atualmente, nos clubes dos distritos de Mariana.

Segundo as memórias dos moradores entrevistados, acompanhar Marianense ou Guarany em jogos de fim de semana era uma atividade bastante regular no século XX. Marlene afirma que “era programa de todo mundo no domingo”. Hebe, que também acompanhava aos jogos, reitera a participação e a força das mulheres na torcida do Marianense: “O Marianense tinha uma torcida organizada de mulheres. Elas tinham uniforme e tudo, uniforme vermelho e preto e tal e elas iam para o campo. O hino faz referência a elas, o que não era muito comum nos hinos de clube fazer referência às torcedoras. O hino fala assim: ‘das torcedoras o incontável bando / de aplausos grandes o teu nome cobre / porque na liça, quando estás lutando / és forte e bravo e generoso e nobre’. [...] E as torcedoras tinham uma qualidade ou um defeito, não sei, elas iam [aos jogos] sempre com sombrinhas e as sombrinhas antigas são aquelas grandes e qualquer um que lhes atravessasse o caminho, apanhava... Elas batiam”.

Já o ex-zagueiro, ex-conselheiro e ex-presidente do Guarany, Mário Rodrigues Rocha,³¹ 70 anos, se recorda da empolgação da torcida alviverde em dias de jogo. Havia até tradicionais gritos de apoio aos jogadores: “O grito de torcida que eu me lembro foi uma invenção de um tal de Nonô Barulho. Ele saiu com isso: ‘G-U-A-R-A-N-Y, Iraguá, Guarany, Guarany, Guarany!’ Isso aí que sei. Cantavam antes, durante e depois do jogo”. Rafael fala de outra forma de agitação da torcida do Guarany: “Todas as vezes que eles entravam em campo, soltavam foguete”.

Segundo os entrevistados, todas essas práticas das torcidas nos estádios foram constituídas, de maneira geral, em partidas contra outras equipes da região e raramente nos próprios clássicos entre Marianense e Guarany. Isso porque o dérbi não acontecia por receio de violência e também por desentendimentos entre diretorias. Há, por exemplo, relatos de jogos com brigas entre jogadores no campo e torcedores nas arquibancadas e histórias sobre grandes hiatos sem a disputa do dérbi, como do ano de 1938 a 1944, e também de 1944 a 1960. Frederico frisa que “deixaram de jogar, porque era um perigo danado os dois se enfrentarem, porque o fanatismo era grande demais. [...] Eu passei a minha juventude, meus 18, 20 e 30 anos, sem ver os dois jogar, porque havia perigo até de morte dos dois disputarem juntos uma partida”.

Mesmo com poucos jogos diretos entre Marianense e Guarany, os torcedores encontravam formas singulares de acompanhar o oponente. Alípio explica que, quando um adversário sentia curiosidade de saber sobre o nível de futebol praticado pelo rival, a opção era assistir aos jogos de forma improvisada, fora dos estádios, nas áreas montanhosas paralelas. “Quando o jogo era lá no campo do Marianense, o pessoal do Guarany ia para o alto do Morro do Galego, e quando era aqui embaixo, o pessoal do Marianense ia para o Morro do Cruzeiro lá em cima”.

Havia ainda outra estratégia curiosa para dizer qual time era melhor e, consequentemente, tentar reforçar o poder de um sobre o outro. Alguns entrevistados contam que se o Marianense convidasse, por exemplo, um determinado clube de outra cidade para disputar um jogo amistoso ou mesmo um campeonato, na semana seguinte o Guarany fazia o mesmo convite para o time forasteiro e vice-versa. Nesse caso, um terceiro clube funcionava como uma espécie de balança indireta. “O Marianense trazia, por exemplo, o time de Raposos ou Pontenovense para cá. No outro domingo o Guarany trazia também para tentar ganhar. Aí ficava aquele negócio”, conta Raimundo.

Sobre essas disputas desportivas mistas - que envolvia o espaço privado de dentro dos estádios e o espaço público das ruas e dos morros adjacentes - é interessante visualizar como a rivalidade entre Marianense e Guarany chegou a uma situação tão extrema que os adversários futebolísticos não podiam se encontrar (ou raramente se encontravam) dentro de campo. Também chama a atenção as estratégias que as duas torcidas criaram para acompanhar os resultados e as performances do adversário, o que inclui movimentações espaciais ao redor dos estádios e até disputas indiretas em que um terceiro time servia de contrapeso - questões que retomam a ideia de que pensar a sociabilidade é contemplar as relações singulares sem perder de vista o que as atravessam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS DISPUTAS QUE PASSARAM E AS QUE AINDA PERMANECEM

Entre o período de fundação das duas equipes e a década de 1980, é possível afirmar que as instituições socioesportivas Marianense e Guarany influenciaram consideravelmente a sociabilidade de Mariana, o que inclui, entre outras questões, as relações do cotidiano, do lazer e, consequentemente, a circularidade no espaço urbano - tudo isso

tensionado na chave das disputas, apropriações, convenções, tradições e segregações, revelando sentidos sobre a vida social da cidade e um imaginário acerca de seus espaços físicos e simbólicos, algo que ressoa ainda hoje.

A partir das memórias dos moradores coletadas nas entrevistas, com viés em história oral, é possível visualizar a forma com que a dicotomia entre os clubes movimentou cultural, simbólica e espacialmente uma cidade estagnada pelo fim do ciclo do ouro e que, a partir do futebol, desenvolveu novos hábitos, relações, aspectos civilizatórios e revelou questões estruturais de ordem política, étnica e de classe.

Sobre as razões que fizeram esse antagonismo perder força na cidade, os entrevistados, de uma forma geral, citam o surgimento das novas gerações (que, na visão de muitos, uniu filhos, netos e bisnetos das famílias da direita e da esquerda, principalmente, por meio do convívio escolar). O pluripartidarismo que surgiu com a redemocratização do Brasil a partir de 1985 fez com que muitos rivais políticos se aliassem aos mesmos partidos e coligações para candidaturas municipais; e, principalmente, o desordenado fluxo migratório que se iniciou com a chegada de grandes empresas mineradoras para extração de minério de ferro estimulada pelo regime militar. Vale lembrar que a primeira grande corporação, S.A. Mineração Trindade (Samitri), chegou em 1965 e trouxe um crescimento - a população passou de 6.837 habitantes, em 1960, para 7.720, em 1970. Em 1977, o município recebeu a companhia Samarco e a população subiu para 12.853 ainda no final da década de 1970. No ano de 1979, foi a vez da Companhia Vale do Rio Doce, atual Vale, ser instalada, o que também contribuiu para esse crescimento populacional (SOUZA JÚNIOR, 2005). Cabe ressaltar ainda que, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população atual de Mariana é estimada em 60.142 habitantes (IBGE, c2021).

Atualmente, quem frequenta os dois clubes não consegue visualizar a força emulada descrita nesta pesquisa. As sedes das duas instituições são aproveitadas apenas como alugueis para festas, comércios e aulas de atividades particulares. O Guarany ainda organiza as horas dançantes aos domingos, mas o evento chama a atenção somente de uma pequena parcela da população de Mariana, preferencialmente da “terceira idade”. No campo de jogo, o clube alviverde mantém a equipe principal de futebol, mesmo o time não conquistando um título de expressão desde 2007 - ano em que venceu seu último campeonato da primeira divisão de Mariana. Já o Marianense nem equipe de

futebol tem mais. Em 2012, a diretoria resolveu extinguir o departamento de futebol por entender que estava dando prejuízo aos cofres do clube, e esse é, certamente, o maior sintoma da queda de poder da instituição.

Independentemente da atual queda relacionada ao futebol amador local e de tudo o que o envolveu socialmente em um passado recente, falar sobre as relações que os clubes incendiavam e, ainda por cima, mostrar a paixão e o ódio que isso despertou, é também contar um pouco da história da própria Mariana, por meio de uma lógica não privilegiada nos livros e em documentos oficiais do município - por isso, mais uma vez, é necessário frisar a importância da história oral. Desse modo, através das memórias, é possível preencher lacunas de parte de um passado da cidade e, principalmente, levantar reflexões sobre os resquícios dessa rivalidade na própria contemporaneidade, porque se a força dos clubes ruiu, os estranhamentos entre grupos ainda se fazem presentes.

A Mariana dos dias atuais não se divide mais entre Marianense e Guarany, mas ainda se segmenta pelos bairros centrais bem estruturados com suas refinadas moradias (históricas ou não) e os bairros periféricos mal planejados e em condições precárias; pelas disputas e fronteiras simbólicas em certos espaços públicos e privados; pela desigualdade econômica e social promovida pela atividade mineradora que visa apenas o lucro e não o bem-estar comum; pela vulnerabilidade de sua população negra; e também pelas forças políticas que ainda emulam rivalidade para alcançar o poder municipal, mas poucas mudanças positivas efetuam para a cidade. Portanto, falar de um passado marcado por uma grande rixa entre dois clubes de futebol é também levantar reflexões sobre certas permanências da sociabilidade de Mariana. Mais uma vez, um atravessamento que passa por questões da interação social e suas matrizes comunicativas, de ordem política, étnica e de classe.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Indivíduo e biografia na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Ca, 1837.

BALE, John. *Sport, space and the city*. London: Routledge, 1993.

BALE, John. *Sports geography*. 2. ed. London: Routledge, 2003.

- BARROS, José Arthur Fernandes. **Estrutura organizacional e das tomadas de decisões nos clubes socioesportivos de São Paulo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Editora Unesp, 1995.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. Geografia e Futebol? Espaço de representação do futebol e rede socioespacial do futebol. **Revista Terr@ Plural**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 249-265, 2008.
- CARNEIRO, Filipe Davison Barboza. **Marianense x Guarany: histórias de rivalidade além das quatro linhas**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso [Graduação em Jornalismo] - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2014.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- COSTA, Antônio da Silva. Desporto e análise social. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. 2, p. 101-109, 1992.
- COSTA, Manuela Areias. As práticas culturais da sociedade musical União XV de Novembro. **Revista História: debates e tendências**, Passo Fundo, v. 12, n. 2, p. 278-292, 2012.
- DAMATTA, Roberto (org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- D'INCAO, Maria Ângela. Modos de ser e de viver: a sociabilidade urbana. **Tempo Social**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 95-109, 1992.
- FISCHER, Monica. **Mariana: os dilemas da preservação histórica num contexto social adverso**. 1993. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1993.
- FONSECA, Cláudia Damasceno. O espaço urbano de Mariana: sua formação e suas representações. *In*: FONSECA, Cláudia Damasceno. **Termo de Mariana: história e documentação**. Mariana: Editora UFOP, 1998. p. 27-66.
- FRANÇA, Vera. Sociabilidade. *In*: FRANÇA, Vera; MARTINS, Bruno Guimarães; MENDES, André Melo (org.). **Grupo de pesquisa em imagem e sociabilidade (GRIS): trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação**. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2014. p. 216-222.
- GOMES, Paulo César da Costa. **Condição urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

IBGE. **Mariana**, c2021. Disponível em: <https://bit.ly/3zeV6Vw>. Acesso em: 8 jun. 2021.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. A geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. **Revista Conexões**, Campinas. v. 1, n. 2, p. 47-61, 1999.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MAIA, Rousiley. Sociabilidade: apenas um conceito? **Revista Geraes**, Belo Horizonte, n. 53, p. 4-15, 2002.

MALAIA, João Manuel. O futebol na cidade do Rio de Janeiro: microcosmos dos mecanismos de poder e exclusão no processo de urbanização das cidades brasileiras (1901-1933). *In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA*, 19., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH, 2008.

MALAIA, João Manuel; GRANJA, Alex Lopes. “Maloqueiro e sofredor”: memórias, identidades e oralidades de uma torcida de futebol. **Revista Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, v. 29, n. 2, p. 1-25, 2016.

MELO, Victor Andrade de. Futebol: que história é essa?! *In: CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues (org.)*. **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 11-28.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2014.

SILVA, Eliazar João da. Esporte e nação nas décadas de 1930 e 1940. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 23., 2005, Londrina. **Anais [...]**. São Paulo, ANPUH, 2005.

SOUZA, Jessé de. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA JÚNIOR, Paulo Gracino. Visões da cidade: memória, poder e preservação em Mariana-MG. **Revista Vivência**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 179-198, 2005.

TACUSSEL, Patrick. Comunidade e sociedade: a partilha intersubjetiva do sentido. **Revista Geraes**, Belo Horizonte, n. 49, p. 3-12, 1998.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ZAGO, Vitorio Luís Oliveira. **Futebol em Campinas: a história e evolução do dérbi campineiro na sociedade e imprensa de Campinas**. 2002. Dissertação (Mestrado em Multimeios) Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

NOTAS

- 1 “Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001” - “This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001”.
- 2 “A sociabilidade, assim, diz respeito ao movimento em que as formas são criadas e recriadas no seio das interações; são superiores, mas também submissas aos indivíduos. Existem socialmente (antecedem e orientam as interações), porém se modificam no momento de sua execução e no movimento tomado pela interação, marcadas pela situação e pela iniciativa dos indivíduos” (FRANÇA, 2014, p. 219).
- 3 As entrevistas em história oral derivam da pesquisa: “Marianense x Guarany: histórias de rivalidade além das quatro linhas”, de Carneiro (2014). Para chegar até as fontes, o trabalho partiu de indicações dentro dos clubes e, posteriormente, de referências dos próprios entrevistados. Além das entrevistas em história oral, a pesquisa também realizou o cruzamento das informações coletadas com fontes documentais, como jornais, fotos, panfletos e atas.
- 4 A região do quadrilátero ferrífero, que está localizada no centro-sul de Minas Gerais, se estende por cerca de 7.000 km² e é considerada a maior província mineral do Brasil.
- 5 Mariana se forma, primeiramente, como arraial. Em 1711 é elevada à categoria de vila, com o nome de Leal Vila de Nossa Senhora do Carmo. Já em 1745, o rei de Portugal, Dom João V, eleva a região à categoria de cidade. O nome dado é uma homenagem à rainha Maria Ana de Áustria, sua esposa (FONSECA, 1998).
- 6 Do ponto de vista econômico, Mariana se manteve essencialmente pela indústria agropecuária e por comércios locais (FONSECA, 1998).
- 7 Entender essa divisão política local é um processo complexo que este artigo não dá conta de alcançar, entretanto, é preciso deixar claro que, apesar de algumas aproximações, as alcunhas não tinham ligação filosófica declarada para a classificação consensual sobre “ser de direita” ou “ser de esquerda” (BOBBIO, 1995). Tais grupos eram divididos de acordo com características próprias nos moldes das disputas municipais (CARNEIRO, 2014).
- 8 O futebol moderno chegou ao Brasil, oficialmente, em 1894. Em um primeiro momento, o esporte foi difundido apenas para a elite brasileira nas grandes cidades, mas, na medida em que as décadas avançaram, a atividade começou a cair no gosto popular (SILVA, 2005) e, já no início do século XX, existiam clubes de diferentes origens espalhados em várias regiões brasileiras.
- 9 Na perspectiva de Maia (2002), diante de reflexões sobre Simmel, sociabilidade é uma forma de interação social espontânea. Isso significa dizer que ela “não possui um fim definitivo, nem conteúdo, e nem resultado fora dela mesma” (SIMMEL, 1997, p. 126 apud MAIA, 2002, p. 5). Neste artigo, também consideramos os contornos institucionais (relações formais) e a estrutura histórico-social como elementos importantes na elaboração da sociabilidade, principalmente no espaço urbano.
- 10 Hoje os clubes já não configuram tanta importância no desenrolar da vida social da cidade. Na parte final deste artigo esta temática será retomada.
- 11 Sobre relações históricas entre esportes e espaço social, ver: Bale (2003, 1993), Campos (2008), Jesus (1999) e Malaia (2008).
- 12 A palavra é o aportuguesamento de derby - termo inglês oriundo do turfe, as corridas de cavalos. No Brasil,

dérbi é sinônimo de clássico e de embate entre dois times rivais (ZAGO, 2002).

- 13 Na década de 1940, Prado Júnior (1994), explicava: “Analisem-se os elementos da vida brasileira contemporânea: ‘elementos’ no seu sentido mais amplo, geográfico, econômico, social e político. O passado, o nosso passado colonial, aí ainda está, e bem saliente; em parte modificado, é certo, mas presente em traços que não se deixam iludir. No terreno econômico, por exemplo, pode-se dizer que o trabalho livre não se organizou ainda inteiramente em todo o país. O mesmo poderíamos dizer do caráter fundamental da nossa economia, isto é, da produção extensiva para mercados no exterior. No terreno social, a mesma coisa. Salvo em alguns setores, as nossas relações sociais, em particular as de classe, ainda conservam um acentuado cunho colonial. Na maior parte dos exemplos, e do conjunto, atrás daquelas transformações que às vezes nos podem iludir, sente-se a presença de uma realidade já muito antiga, que até nos admira de aí achar e que não é senão aquele passado colonial” (p. 7). Souza (2017) atualiza essa discussão.
- 14 “A experiência mostra-nos que o futebol, pela utilização que dele se faz, responde com bastante frequência a esses três níveis do funcionamento da ideologia em geral” (COSTA, 1992, p. 106).
- 15 Malaia e Granja (2016) aproximam os estudos da história oral com o futebol a partir da análise de torcidas contemporâneas no Brasil e suas práticas.
- 16 Hoje a sede do Marianense está localizada na Rua Barão de Camargos, no centro da cidade. A do Guarany está, também na região central, endereçada na Rua Frei Durão. Ambas se encontram a poucos metros de distância, separadas pela Praça Gomes Freire - Jardim, que até hoje é um espaço disputado por diferentes grupos sociais da cidade. É importante destacar que nem sempre os clubes tiveram sedes sociais próprias, o que fez com que houvesse funcionamento em outros espaços e até em casas particulares de sócios, entretanto, independentemente dos endereços, elas sempre conferiam movimentação à vida social do município (CARNEIRO, 2014).
- 17 Entrevista realizada no dia 6 de novembro de 2013. Todas as informações sobre o entrevistado correspondem ao período.
- 18 É importante frisar que Mariana, enquanto colônia, se forma escravista e mercantil: questões determinantes para calcar certos elementos fundadores do município, tanto no sentido geográfico quanto da sua constituição social e simbólica ao longo do tempo. Assim sendo, o racismo pode ser encarado como uma face contemporânea da cidade com rastros históricos bem demarcados.
- 19 Entrevista realizada no dia 1 de outubro de 2013. Todas as informações sobre o entrevistado correspondem ao período.
- 20 Entrevista realizada no dia 4 de novembro de 2013. Todas as informações sobre o entrevistado correspondem ao período.
- 21 Olímpic foi fundado em 1938 e é considerado o clube da terceira força do futebol de Mariana. O time foi constituído por pessoas que não se identificavam com o Guarany, muito menos com o Marianense, e também por desistentes dessa rivalidade (CARNEIRO, 2014).
- 22 Entrevista realizada no dia 28 de setembro 2013. Todas as informações sobre o entrevistado correspondem ao período.
- 23 Entrevista realizada no dia 16 de agosto de 2013. Todas as informações sobre o entrevistado correspondem ao período.
- 24 Entrevista realizada no dia 2 de outubro de 2013. Todas as informações sobre o entrevistado correspondem ao período.
- 25 Entrevista realizada no dia 6 de novembro de 2013. Todas as informações sobre o entrevistado correspondem ao período.
- 26 Os tradicionais blocos de Carnaval do Marianense e do Guarany começaram a serem trocados pelas escolas de samba com apoio da prefeitura, por volta da década de 1980. Um dos objetivos para a criação dessa nova forma de pular Carnaval era promover mais ações nas praças públicas e, assim, abolir de vez as folias dentro dos clubes, já que a cidade vivia naquele momento um grande crescimento demográfico e não havia espaços

privados suficientes para abrigar tantas pessoas. As crises financeiras dos clubes, que impedia anos após anos grandes investimentos, também influenciaram essa medida (CARNEIRO, 2014).

- 27 Entrevista realizada no dia 4 de outubro de 2013. Todas as informações sobre o entrevistado correspondem ao período.
- 28 Entrevista realizada no dia 24 de setembro de 2013. Todas as informações sobre o entrevistado correspondem ao período.
- 29 Entrevista realizada no dia 19 de setembro de 2013. Todas as informações sobre o entrevistado correspondem ao período.
- 30 Entrevista realizada no dia 16 de outubro de 2013. Todas as informações sobre o entrevistado correspondem ao período.
- 31 Entrevista realizada no dia 24 de setembro de 2013. Todas as informações sobre o entrevistado correspondem ao período.

Artigo recebido em: 29 de agosto de 2019.

Artigo aceito em: 29 de abril de 2021.